

**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

PARADIGMA INTERPRETATIVISTA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

ELOISA PAULA DE OLIVEIRA

Professora do Curso de Administração da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Campo Mourão

Doutoranda em Administração pela Universidade Positivo

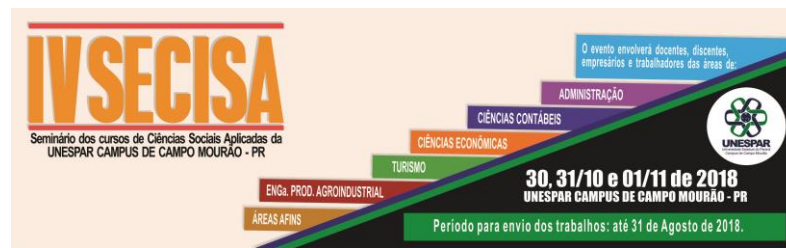
eloisapauladeoliveira@gmail.com

RESUMO - As ciências sociais são um campo de pesquisa pluridisciplinar caracterizado por diversas disciplinas que formam domínios especializados e isolados, sendo que várias teorias podem ser utilizadas na teoria das organizações. Algumas perspectivas epistemológicas, no entanto, surgem dentro deste campo e não se enquadram em um único posicionamento. O objetivo deste artigo é discorrer sobre o paradigma interpretativista e sua utilização nos estudos organizacionais. Partindo de uma ontologia anti-fundamentalista que considera a construção social e discursiva da realidade, o paradigma interpretativista utiliza a visão dos atores sobre o mundo para estudar a realidade em um caráter de dupla-hermenêutica em que o pesquisador interpreta a interpretação dos atores. A realidade, portanto, é estudada pela interpretação e não por sua explicação, em um caráter em que sujeito e objeto são interdependentes criando um conhecimento subjetivo dentro de um contexto em particular. Assim, estudos interpretativista possibilitam a compreensão da linguagem que irá formar a realidade social, incluindo jogos de linguagem, subjetividade, ambiguidade, multiplicidade, dinamismo e contexto.

Palavras-chave: Paradigma Interpretativista. Estudos Organizacionais. Paradigmas de Pesquisa.

ABSTRACT - Social sciences are a multidisciplinary research field characterized by several disciplines that form specialized and isolated domains which several theories are be used in organizational theory. Some epistemological perspectives, however, arise within this field and do not fit into a single positioning. The purpose of this article is to discuss the interpretative paradigm and its use in organizational studies. Starting from an anti-fundamentalist ontology that considers the social and discursive construction of reality, the interpretative paradigm uses the actors 'view of the world to study reality in a double-hermeneutic character in which the researcher interprets the actors' interpretation. Reality, therefore, is studied by interpretation and not by its explanation, in a character in which subject and object are interdependent creating subjective knowledge within a particular context. Thus, interpretative studies allow the understanding of language that will form social reality, including language games, subjectivity, ambiguity, multiplicity, dynamism and context.

Keywords: Interpretivist Paradigm. Organizational Studies. Research Paradigms.



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

1 INTRODUÇÃO

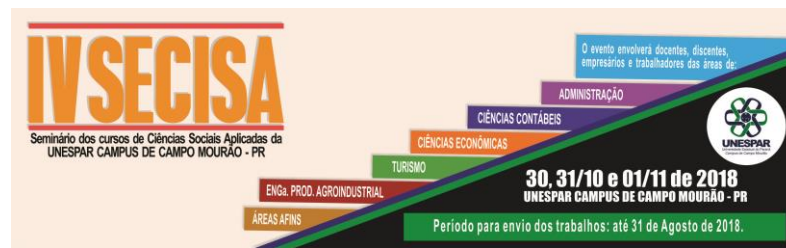
As ciências sociais são compostas por diversas disciplinas, como a administração, sociologia, psicologia, economia entre outras, se tornando assim um campo de pesquisa pluridisciplinar em que cada uma destas disciplinas delimitam um campo de análise sem abordar o conjunto. Desta forma os conhecimentos científicos que surgem dos estudos das ciências sociais são considerados domínios especializados, com conhecimentos sistematizados e isolados (FRANCISCONI, 2008).

A Teoria das Organizações não é um campo de conhecimento unificado, existem diversas teorias que podem ser aplicadas. Esta pluralidade existe, primeiramente, por não existir uma “super-teoria” onde todas possam se enquadrar e cada fenômeno poder ser sob várias perspectivas e, também, porque a Teoria das Organizações é um campo de estudos mais recente ao se comparar com outras áreas, como as Ciências Econômicas e as Ciências Naturais que já apresentam um campo de conhecimentos formado (SCHERER, 2005).

Francisconi (2008), no entanto, ressalta que novas perspectivas epistemológicas surgem no campo das ciências sociais e não se enquadram em apenas uma posição fechada. Portanto, este estudo pretende discorrer sobre o paradigma interpretativista, que, segundo Morgan (2007, pg. 15) compreende uma visão do mundo social como possuidor de “uma situação ontológica duvidosa e que o que se passa como realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos”.

Desta forma o objetivo desta pesquisa é discorrer sobre o paradigma interpretativista e sua utilização em estudos organizacionais. Para tanto foi necessário compreender os principais modos de explicação que permeiam a Teoria Organizacional e os pressupostos que guiam os estudos dos cientistas sociais para, enfim, verificar as contribuições do paradigma interpretativista aos estudos organizacionais.

Este estudo é caracterizado sendo uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, realizada através da coleta de dados secundários em fontes bibliográficas referentes aos



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

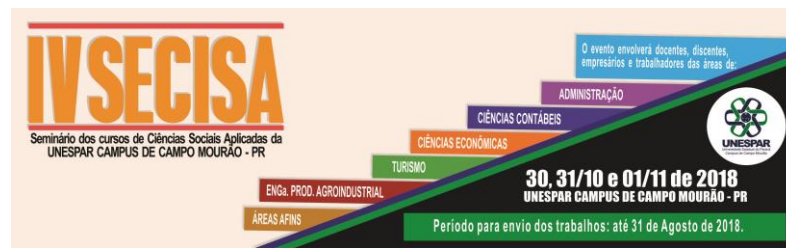
Estudos Organizacionais. Além desta introdução, este artigo está dividido em quatro partes se iniciando com uma breve explanação sobre os paradigmas e principais pressupostos que orientam os estudos dos cientistas sociais e os modos de explicação utilizados na Teoria das Organizações. Em seguida é realizada uma apresentação do paradigma interpretativista considerando seus pressupostos ontológico, epistemológico, metodológico e visão de ciência. Na terceira seção o estudo é concluído ao se discorrer sobre a utilização deste paradigma nos estudos organizacionais.

2 PARADIGMAS DE ESTUDO DA TEORIA ORGANIZACIONAL

O termo paradigma é entendido por Morgan (2007) com três sentidos diferentes a) uma maneira de se olhar a realidade; b) a forma com que a ciência é organizada socialmente em relação às escolas de pensamento adotadas por pesquisadores; e, c) ao uso de “tipos específicos de ferramentas e textos para o processo de solução de quebra-cabeças científicos” (pg. 13).

Não existe um consenso dentro da comunidade de pesquisadores da Teoria das Organizações sobre o que é fazer teoria. Scherer (2005) aponta dois aspectos relevantes nesta discussão, o interesse de pesquisa e a escolha do método a ser utilizado, sem que haja concordância sobre qual método é melhor ou qual resultado é melhor. A filosofia da ciência auxilia nesta questão ao fazer uma reflexão crítica sobre a prática da pesquisa, procurando as respostas para: 1) Qual é e qual deve ser o objetivo da pesquisa? e 2) Qual é e qual deve ser o método utilizado pelo pesquisador para atingir os objetivos?

Marsh e Furlong (2002) ao estudar o posicionamento do cientista social afirmam que cada pesquisa gira em torno de uma posição ontológica e epistemológica que são mais implícitas do que explícitas e não podem ser evitadas, direcionando o trabalho do pesquisador. A ontologia, assim, se refere à natureza do ser, à busca por provas de existência ou não de um mundo real que não dependa do conhecimento sobre o mesmo. Já a epistemologia se refere ao conhecimento deste mundo, do que é possível saber sobre este e como tal conhecimento é gerado.



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná**
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

Ao analisar a natureza das ciências sociais, Burrel e Morgan (1979) apresentaram quatro conjuntos de pressupostos que direcionam as pesquisas dos cientistas sociais. O primeiro pressuposto é nomeado de ontológico, está relacionado com a essência do fenômeno investigado, assumindo uma posição nominalista – os nomes dão sentido ao mundo externo – ou realista – o mundo social é anterior à existência e consciência humana e não é criado pelo indivíduo – desta forma a realidade pode ser interna ou externa ao indivíduo.

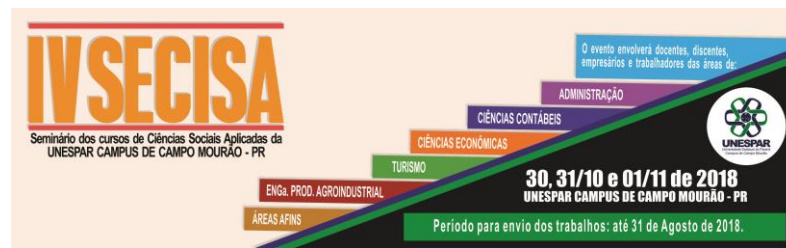
Já o pressuposto epistemológico irá dar a base do conhecimento, buscando as possibilidades de se conhecer os fenômenos e também, se é possível diferenciar o conhecimento verdadeiro do falso. O posicionamento epistemológico positivista busca explicações causais para o mundo social considerando que o conhecimento é cumulativo, já o posicionamento epistemológico anti-positivista é baseado na relatividade do mundo social que deve ser compreendida através da visão dos indivíduos (BURREL; MORGAN, 1979).

O terceiro pressuposto apresentado pelos autores trata da natureza humana em sua relação homem/ambiente em que dentro de uma visão determinista o indivíduo é produto do ambiente e em uma visão voluntarista o indivíduo é criador do ambiente.

Passando ao quarto e último pressupostos, os autores consideram os pressupostos metodológicos, em que a escolha dos métodos para se fazer pesquisa é dada pelos pressupostos anteriores, desta forma alguns métodos irão tratar os fenômenos sociais como um dado real e externo à ação humana, enquanto outros admitem estes dados como pessoais e objetivos (BURREL; MORGAN, 1979).

Considerando o objetivo da pesquisa e o método escolhido para atingir estes objetivos, Scherer (2005) apresenta seis modos de explicação utilizados na Teoria das Organizações:

- a) Modelo nomológico-dedutivo (DN-model) – utiliza os mesmos métodos de pesquisa das ciências naturais para investigar fenômenos sociais em busca de leis gerais e antecedentes causais a fim de gerar explicações compostas pela relação entre causa e efeito;
- b) Interpretativismo – considera que o processo de pesquisa é capaz de alterar o objeto pesquisado devido à subjetividade, presume que a realidade é fruto de



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

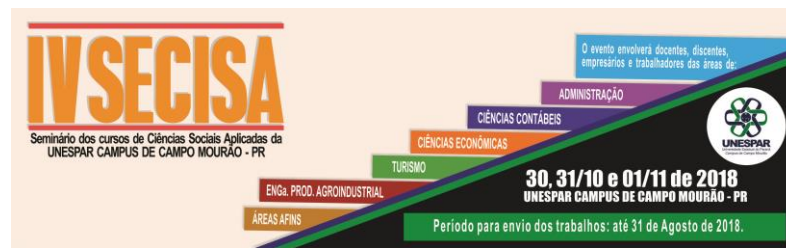
uma construção social e é caracterizado por uma dupla-hermenêutica em que o pesquisador interpreta a interpretação dos atores;

- c) Teoria Crítica – defende um interesse emancipatório em que o trabalho científico deve criticar a condição social existente e sua distribuição de poder, rejeitando o conservadorismo e com o objetivo de descobrir se existem e quais são as leis imutáveis da ação social e suas relações de dependência;
- d) Pós-modernismo – considera a ciência como uma das formas de expressão da humanidade em que não existem medidas disponíveis para avaliar objetivamente métodos e resultados, sugerindo uma abordagem desconstrutiva. Defende que o conhecimento é constituído pela linguagem e que só existem verdades locais dependentes dos jogos de linguagem realizados pelos atores;
- e) Funcionalismo – a partir do pressuposto de que a sociedade tem características que não são explicadas pelo comportamento individual e sim por instituições defende leis gerais para explicar o fenômeno social; e
- f) Teoria da escolha racional (RCT) – relaciona o comportamento individual com as instituições sociais considerando mecanismo no nível individual e os explicando em nível macro ou nível do sistema.

Scherer (2005) destaca que este pluralismo é um estado intermediário do campo de conhecimento e não final. A Teoria das Organizações ainda precisa de mais testes empíricos para os estudos sejam validados e aumentem o campo de conhecimento. Cabe ao pesquisador escolher o modo de explicação mais apropriado aos seus interesses de pesquisa.

3. PARADIGMA INTERPRETATIVISTA

O interpretativismo surge como forma de pesquisa a partir do final do século XIX com a busca de pesquisadores alemães, da área de história e sociologia, por uma abordagem de pesquisa dos fenômenos sociais que possibilitasse outras interpretações que não as causais características de pesquisas positivista (SANTANA e SOBRINHO, 2007). Para Bispo (2010),



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná**
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

o crescimento deste paradigma se dá desde 1970 como uma alternativa ao funcionalismo, que se constitui na abordagem mais tradicionalmente utilizada nos estudos organizacionais.

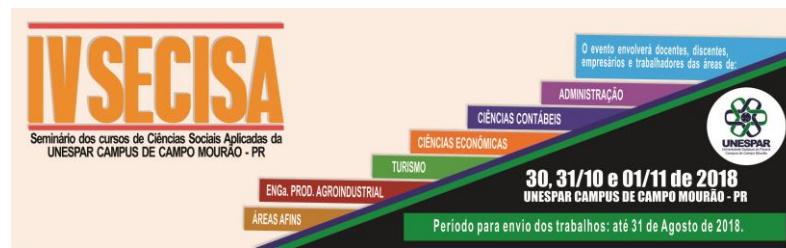
O interpretativismo apresenta uma ontologia anti-fundamentalista que considera que o mundo é construído socialmente e discursivamente (MARSH e FURLONG, 2002), sendo anti-positivista defende que este mundo social é relativo e sua compreensão vem da visão dos indivíduos. Assume também uma posição nominalista, ou seja, os nomes irão dar sentido ao mundo externo (BURREL e MORGAN, 1979). Mais do que considerar uma realidade, são consideradas múltiplas. As múltiplas realidades são resultado da construção social oriunda das experiências e interação dos indivíduos (CRESWELL, 2014).

O paradigma interpretativista busca entender o mundo pelo ponto de vista dos atores, em um nível de experiência subjetiva. Assim, o mundo social é um processo criado pelos envolvidos (FRANCISCONI, 2008). É resultado de uma construção social, a realidade não é dada, é construída, é um processo de interpretação em que o pesquisador pode interferir (SCHERER, 2005).

A realidade é baseada no consenso entre intérprete e ator (SCHERER, 2005). É interiorizada e se torna subjetiva pela assimilação através das interpretações e pela compreensão, criando assim um universo simbólico em que as objetivações do indivíduo são socialmente condicionadas (BERGER e LUCKMAN, 1978).

A realidade é construída em um processo de interiorização → subjetivação → objetivação, partilhada através das instituições e das situações face a face em que a troca de expressividade possibilita o acesso à subjetividade do outro (BERGER e LUCKMAN, 1978). Esta realidade é o resultado de um processo conjunto entre o pesquisador e o pesquisado, formada por suas experiências (CRESWELL, 2014). Assim não é possível ter uma única perspectiva sobre os acontecimentos, visto que a realidade depende do observador (APPOLINÁRIO, 2009).

Em relação aos pressupostos epistemológicos, o interpretativismo se opõe ao positivismo de forma que não se estabelecem relações de causas entre os fenômenos sociais (MARSH e FURLONG, 2002) e considera que a abordagem de estudo das ciências naturais



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná**
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

não é adequada para o estudo dos fenômenos sociais, pois na ciência social o objeto de pesquisa se modifica no processo (SCHERER, 2005).

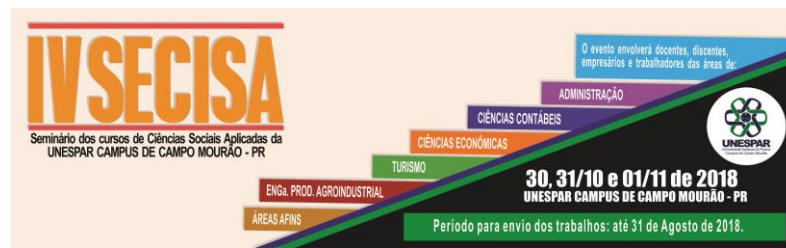
Apesar de estar de acordo com a sociologia da regulação o mundo social é visto de maneira subjetiva, é nominalista, anti-positivista e ideográfico. Busca compreender a essência da vida cotidiana. (BURREL e MORGAN, 1979). Enfatiza o subjetivo visto que os fenômenos sociais não são entidades objetivas, mas regras e significados que evoluem nas ações de seus atores (SCHERER, 2005)

O interpretativismo é caracterizado pela dupla hermenêutica, enfatizando a compreensão (MARSH e FURLONG, 2002). Desta forma o pesquisador interpreta a interpretação dos atores (SCHERER, 2005). Ao considerar que seu próprio corpo de conhecimento direciona a pesquisa, o cientista social interpretativista se posiciona em seu estudo para ter sua interpretação a partir de suas experiências.

Assumir uma postura interpretativista leva o pesquisador a buscar a compreensão da realidade pela interpretação de seus atores e não sua explicação, pois considera que o sujeito e o objeto são interdependentes, e o conhecimento que será gerado é subjetivo, sendo ainda particular ao contexto pesquisado (CRUZ e PEDROZO, 2008). O pesquisador busca compreender a complexidade das visões de mundo oriundas da construção social, história e cultura (CRESWELL, 2014).

Como os fenômenos não irão existir fora da interpretação do observador, a análise de forma objetiva não é possível, portanto são utilizados métodos qualitativos em pesquisas interpretativista, pois os quantitativos podem levar a dados errôneos (MARSH e FURLONG, 2002). O pesquisador procura compreender o processo de interação dos indivíduos em seus contextos específicos, utilizando métodos como etnografia, estudo de caso, entrevista narrativa e outras ferramentas que possibilitem uma abordagem aberta que mostre os significados e símbolos presentes na pesquisa (CRESWELL, 2014).

A análise do significado deve ser desenvolvida pela análise do conhecimento que as pessoas tem das situações e sua compreensão de si mesmos e das pessoas a sua volta na organização, bem como do contexto de operação da empresa. Este modelo considera que o contexto é importante para compreender os padrões de ações, indo além da compreensão de



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

uma única pessoa e uma forma adequada de os estudar são a observação, os relatórios de informantes e a participação do pesquisador no ambiente de pesquisa (SMIRCICH, 1983).

Para compreender as nuances da(s) realidade(s) a ser estudada, o pesquisador deve se aproximar das interações sociais a fim de conhecer os significados usando empatia, ouvindo efetivamente e tolerando a ambiguidade (SMIRCICH, 1983).

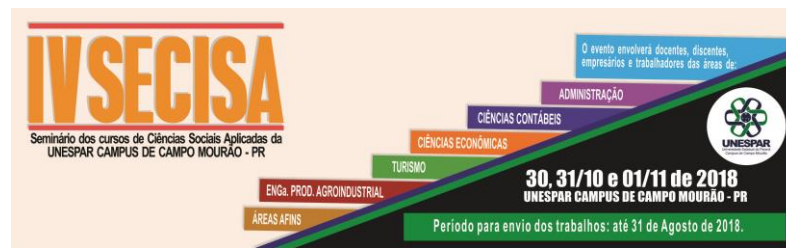
A atenção do pesquisador está nos símbolos que os indivíduos utilizam para se comunicar em um sentido comum. No âmbito da pesquisa organizacional estes símbolos são sustentados e desenvolvidos por slogans, rituais, histórias e vocabulários entre outros. Para compreender estes significados é necessário estudar estas formas simbólicas de discurso, coletando dados através de observação participante por longos períodos de tempo e por entrevistas, ou seja, usando a si próprio como um instrumento de pesquisa (SMIRCICH, 1983).

Dentro de um estudo interpretativista os pesquisadores pretendem se aproximar o máximo possível da visão subjetiva dos indivíduos estudados (CRESWELL, 2014). O conhecimento é gerado por meio desta subjetividade que se torna uma intersubjetividade ao considerar a interação no mundo social. Por isso é importante a pesquisa de campo para compreender o contexto em que as interações ocorrem (CRESWELL, 2014).

A realidade é objetivada através de símbolos e sinais que permitem a transmissão do conhecimento (BERGER e LUCKMAN, 1978). Para Morgan (2007, pg. 17) “O processo de concepção metafórica é um modo básico de simbolismo, central no modo como os seres humanos forjam suas experiências e seu conhecimento sobre o mundo em que vivem.”

4 CONCLUSÃO

Estudos interpretativista geram um conhecimento que pode ser considerado pessoal, caracterizado pela relação sujeito/sujeito focando no significado intersubjetivo. Assim o conhecimento não pode ser distante, independente, do conhecedor. Sendo específico para analisar pessoas, se preocupa em entender relacionamentos dentro de um contexto mais amplo a fim de descobrir questões de existência e escolhas em um plano pessoal. Esta análise pode



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná**
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

levar a um entendimento da dinâmica de culturas corporativas e outras subculturas (SMIRCICH, 1983).

Amboni e Carminha (2014) consideram que a ciência é rede de jogos de linguagem, que se baseia em conceitos e regras que são determinados de maneira subjetiva. Para Omnès (1996, pg. 256) “nossa linguagem é uma poeira de representações estilhaçadas e remisturadas, disponíveis imediatamente e prontas para gerarem outras representações móveis. Estudos interpretativista possibilitam apreender as nuances da linguagem que irão formar a realidade social, podendo ser utilizados no estudo das organizações.

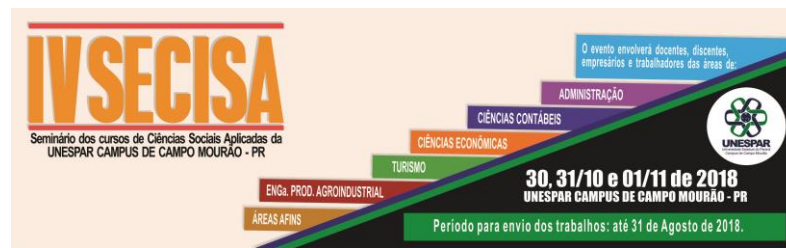
A pesquisa interpretativa vai além do funcionalismo ao focar no significado considerando a ambiguidade da linguagem, a multiplicidade, o dinamismo e o contexto em que estão os participantes e pesquisadores (AMBONI e CARMINHA, 2014).

Para Araujo (1998, pg. 187) “Todo evento possui sentido, significação. E seu caráter de temporalidade fica redimensionado pela significação”. Desta forma, em uma visão voluntarista o homem é criador do seu ambiente (BURREL e MORGAN, 1979), vive em um processo dialético entre a natureza e o mundo social que faz com que produza a realidade e, por consequência, a si mesmo (BERGER e LUCKMAN, 1978). Em outras palavras, o mundo social é resultado e produtor ao mesmo tempo.

Esta é uma análise interpretativa em que existe uma mediação do conhecimento. Busca-se conhecer as estruturas dos significados utilizados e ter uma imagem acessível da realidade do grupo. Este processo não é neutro e pode gerar uma imagem da organização que desafia aquela mantida pelos membros. Desta maneira o pesquisador pode influenciar o sistema que está estudando (SMIRCICH, 1983).

Para os interpretacionistas, as organizações são processos que surgem das ações intencionais das pessoas, individualmente ou em harmonia com outras. Elas interagem entre si na tentativa de interpretar e dar sentido ao seu mundo. A realidade social é, então, uma rede de representações complexas e subjetivas (VERGARA e CALDAS, 2005), que pode ser compreendida através da visão e interpretação dos atores sociais.

O estudo dos símbolos e, por consequência, da linguagem se torna foco da pesquisa interpretativista, pois a linguagem é um sistema simbólico que o indivíduo utiliza para



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná**
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

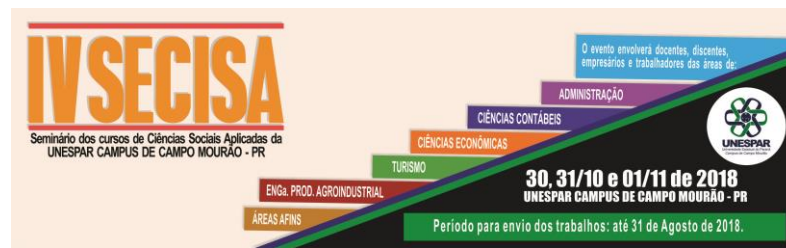
representar as coisas e tomar consciência de espaços mesmo que seus sentidos não os tenham percebido. Ela faz com que o homem se torne humano. Diferente dos animais, o homem é capaz de transcender, ser algo além de seu próprio corpo e refletir além de seu próprio tempo e espaço. Esta capacidade é advinda da linguagem humana, que dá ao homem a possibilidade de entender o seu “eu”, sua consciência sobre as coisas. Para os animais existe apenas o aqui e o agora, para o ser humano existe o passado (sobre o qual ele pensa) e o futuro (sobre o qual ele planeja) (DUARTE JUNIOR, 2002).

Este universo simbólico criado pela palavra é construído pelo ser humano, que pensa nas coisas através de palavras e, assim, cria o mundo pela linguagem. “Aquilo que não tem nome não existe, não pode ser pensado” (DUARTE JUNIOR, 2002, pg. 23). Desta maneira os símbolos linguísticos são a base da construção da realidade e o real é o produto da dialética: materialidade do mundo X sistema de significação para organizá-lo.

As críticas ao interpretativismo se baseiam principalmente em que o julgamento é subjetivo e seu conhecimento depende do conhecimento de outros (MARSH e FURLONG, 2002), no entanto, este argumento não tira a credibilidade nem a validade da pesquisa interpretativa, como afirma Omnès (1996, pg. 256) “Por isso, à questão: ‘Que é a ciência?’, responderemos que é também uma representação da realidade”.

Cabe ressaltar aqui o posicionamento de Vergara e Caldas (2005) de que as organizações são ao mesmo tempo algo subjetivo e objetivo. Para os autores as “organizações são processos, são teias de significados, de representações, de interpretações, de interações, de visões compartilhadas dos aspectos objetivos e subjetivos que compõem a realidade de pessoas, de movimentos, de ações de pessoas, individual, grupal e socialmente consideradas” (VERGARA; CALDAS, 2005).

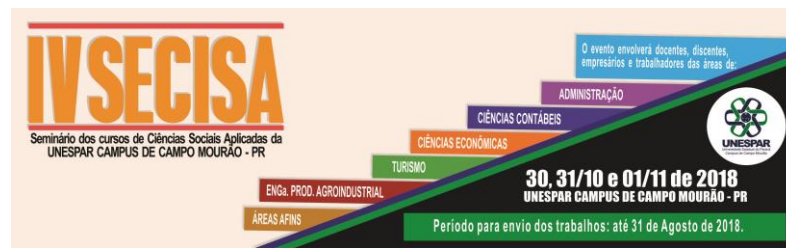
Assim, a pesquisa organizacional é beneficiada pelo paradigma interpretativista ao compreender a subjetividade que formará a construção social da realidade organizacional. Este caráter intersubjetivo está presente nas normas e regras, bem como nas interpretações por meio de seus participantes, considerando ainda seu caráter simbólico, fornece ao pesquisador nuances da realidade que de outra forma seriam desconsiderados nos estudos.



**Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da
Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018**

REFERÊNCIAS

- AMBONI, Nerio. CARMINHA, Daniel Ouriques. Abordagem multiparadigmática em estudos organizacionais: indo muito mais além da visão hegemônica. **IV Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração**. Florianópolis, março de 2014.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência: Filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 2 ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2008.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- BISPO, M. S. Um diálogo entre os paradigmas da teoria crítica e interpretativista no contexto das organizações: uma proposta baseada no conceito de prática. **XXXIV EnANPAD**. Rio de Janeiro – 25 a 29 de setembro de 2010.
- BURREL, G; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organizational Analysis**. London, Heinemann, 1979.
- CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CRUZ, Luciano Barin; PEDROZO, Eugenio Avila. Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo , v. 9, n. 4, June 2008 .
- DUARTE JR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANCISCONI, Karine. **Configuração estrutural do campo científico em estudos organizacionais no Brasil: o período 1997 – 2007**. Dissertação de Mestrado. UFPR – Universidade Federal do Paraná. Mestrado em Administração, área de concentração Estratégia e Organizações. Curitiba, 2008.
- MARSH, D.; FURLONG, P. A skin, not a sweater: ontology and epistemology in Political Science. In: MARSH, D.; STOKER, G. (Eds). **Theory and methods in Political Science**. New York: Pallgrave MacMillan, 2002, p. 17-41.
- MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In CALDAS, M. P.; BERTERO, M. **Teoria das Organizações**. São Paulo: Atlas, 2007, p. 12-33.



Anais do IV Seminário dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas do Campus de Campo Mourão da Universidade Estadual do Paraná
Campo Mourão - PR, 30/10 a 01/11/2018

OMNÈS, Roland. **Filosofia da ciência contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

SANTANA, E. E. P; SOBRINHO, Z. A. O interpretativismo, seus pressupostos e sua aplicação recente na pesquisa do comportamento do consumidor. EnEPQ. **Anais... I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Recife/PE, 21 a 23 de novembro de 2007.

SCHERER, A. G. Modes of explanation in organization theory. In: TSOUKAS, H; KNUDSEN, C. (Eds). **The Oxford Handbook of Organization Theory**. England: Oxford University Press, 2005, pgs. 310 - 344.

SMIRCICH, Linda. Estudando as organizações como cultura: Organização como rede de significados. In: MORGAN, G. **Beyond method strategies for social research**. 1983.

VERGARA, Sylvia Constant. CALDAS, Miguel P. Paradigma Interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **RAE**. Vol 45, n. 4, out/dez 2005, pgs. 66 – 72.